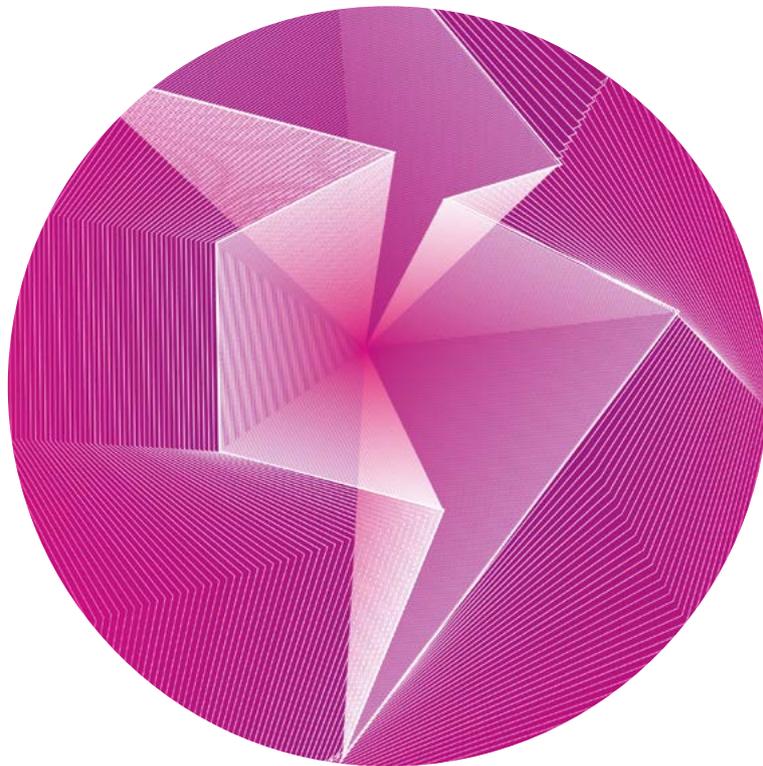


GRIETAS Y PROVO- CACIONES

CONGRESO
REGIONAL INSEA
AMÉRICA LATINA 2021
CUSCO / PERÚ.



GRIETAS Y PROVO- CACIONES

CONGRESO
REGIONAL INSEA
AMÉRICA LATINA 2021
CUSCO / PERÚ.

NARRATIVAS PERIFÉRICAS EN LA FORMACIÓN DE PROFESORES DE ARTE: REFLEXIONES DESDE UN PROYECTO SOCIAL

NARRATIVAS PERIFÉRICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTE:
REFLEXÕES A PARTIR DE UM PROJETO SOCIAL

PERIPHERAL NARRATIVES IN THE TRAINING OF ART TEACHERS:
REFLECTIONS FROM A SOCIAL PROJECT

Leandro de Oliva Costa Penha¹ / Érica Peçanha do Nascimento²
(ECA USP) (IEA USP)

Resumo: O projeto social PALCO atua com ensino e aprendizagem de arte para a população em situação de vulnerabilidade social em parceria com equipamentos públicos e associações comunitárias. A formação de educadores e coordenadores ocorre anualmente com base em um tema orientador. De 2014 a 2019, a formação ocorria com integrantes da gestão e um profissional convidado. Desde 2020, com o tema periferias, este modelo foi modificado para que os encontros fossem pautados em narrativas biográficas de artistas e pesquisadores periféricos, em sua maioria, negros. As referências não hegemônicas ocuparam as reuniões mensais e a formação continuada apoiou-se na dialogicidade (FREIRE, 2019 [1970]) e em referências teóricas e práticas a partir das periferias (FERNANDES, 2018; NASCIMENTO, 2010). Esse formato contribuiu para a reestruturação da formação do projeto numa perspectiva decolonial (MIGNOLO, 2017) e para o aperfeiçoamento dos planos pedagógicos dos educadores (JOSSO, 2002; NÓVOA, 2013).

Palavras-chave: projeto social, formação de professores, arte/educação, periferia.

APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS

Este relato é parte do exercício de sistematização e reflexão dos autores sobre suas experiências na gestão de um projeto social. Toma-se como objeto a formação continuada da equipe de educadores e coordenadores do projeto social PALCO em 2021, com o objetivo de refletir sobre a prática docente, em conjunto com artistas-pesquisadores periféricos, a partir da noção de periferia e da produção cultural periférica. Nesta formação, buscou-se valorizar diferentes saberes e histórias de vida dos artistas-pesquisadores, repensar o currículo a partir de uma perspectiva antirracista, democrática e decolonial, além de pensar nos desdobramentos estéticos, pedagógicos e políticos que a produção periférica tem trazido para os seus territórios.

O Projeto PALCO – Projeto para Arte, Lazer, Cultura e Orientação–foi criado em 2013, com intuito de dar continuidade às ações sociais que ocorriam no Jaguaré, um bairro da zona oeste da cidade de São Paulo.

¹ Pesquisador de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da USP. Especialista em Arte na Educação pela ECA/USP. Integrante do Grupo Multidisciplinar de Estudo e Pesquisa em Arte e Educação da ECA/USP. Atua como arte/educador e gestor de projetos socioculturais. Diretor geral do Projeto PALCO.

² Doutora em Antropologia, com estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação e no Instituto de Estudos Avançados da USP. Pesquisadora do nPeriferias - Grupo de Estudos das Periferias (IEA-USP). Consultora do projeto PALCO no tema “periferias”.

Os recursos são provenientes do patrocínio direto de empresas privadas e também de verbas de empresas via lei de incentivo à cultura (antiga Lei Rouanet).

O projeto oferece aulas gratuitas de teatro, dança, música e artes visuais para crianças, jovens, adultos e idosos que vivem em territórios vulneráveis na cidade de São Paulo, principalmente para os moradores da região do Jaguaré. A atuação se dá em parceria com escolas públicas, organizações sociais, associações de moradores, espaços públicos e Unidades Básicas de Saúde, no intuito de promover e ampliar o conhecimento, o acesso e o interesse pela arte.

Com base nos dados do censo demográfico realizado no Brasil em 2010, essa região ocupa uma área de 166,6 mil m² e tem, aproximadamente, 50 mil habitantes, sendo 12.200 residentes da maior comunidade do bairro, a Vila Nova Jaguaré, com 3.690 domicílios. Os depoimentos coletados com moradores, bem como a atuação de profissionais do projeto no território demonstram que essa localidade apresenta altas taxas de violência, poucos equipamentos culturais públicos, altos índices de evasão escolar e, notadamente, um crescimento populacional na última década, além do aumento do desemprego e da miséria nos últimos dois anos, com o agravamento do contexto pandêmico.

A equipe que compõe o PALCO é constituída por arte/educadores, jovens assistentes de educadores (geralmente, participantes ou ex participantes do projeto), estagiários de universidades públicas e privadas, coordenador geral, coordenadora pedagógica, coordenadora de processos de criação, coordenador artístico, psicóloga, assessora administrativa e operacional, assessora financeira, assessora de monitoramento e avaliação, assessora contábil e assessora jurídica. De 2014 a 2021, o projeto atendeu, diretamente, 2.882 crianças a partir de seis anos de idade, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Indiretamente, atingiu 23.750 pessoas com saídas pedagógicas, mostras culturais, eventos, idas a teatros, parques, museus e shows antes da pandemia.

Com a ampliação da equipe, as formações continuadas passaram a ser organizadas pela coordenação, tendo como referência as informações coletadas por meio de pesquisas de monitoramento realizadas trimestralmente ao longo de cada ano e as sugestões de participantes do projeto, suas famílias e as instituições parceiras no território. Anualmente, equipe e participantes, escolhem temas que orientam a formação, os planejamentos e processos pedagógicos e artísticos. Tal prática apoia-se no conceito de tema gerador desenvolvido por Paulo Freire.

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos, educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático (ou temática significativa) do povo ou o conjunto de seus temas geradores. (...) Investigar o tema gerador é investigar o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis. (FREIRE, 2019 [1970], p. 121 e 136).

Juventude, rede, resiliência, identidade, território e memória foram os temas orientadores do projeto entre 2014 e 2019. Em 2020 e 2021, a escolha foi pela temática da periferia, com foco em sua produção cultural.

FORMAÇÃO CONTINUADA NA TEMÁTICA DA PERIFERIA

Com a escolha do tema periferia em 2020 e em 2021 – geralmente, não considerado como conteúdo curricular nas escolas e não incluído na formação inicial de professores –, a equipe teve a possibilidade de trabalhar as especificidades estéticas e políticas da produção cultural periférica, tendo artistas e pesquisadores periféricos como referências. Essa perspectiva valorizou e ampliou a circulação dessa produção cultural entre os educadores e gestores do projeto, colocando-se em diálogo com o paradigma da potência das periferias, que reconhece esse tipo de território a partir das práticas e modos de organização social que lhes são próprios, incluindo suas potências inventivas, formas diferenciadas de ocupação da cidade e arranjos comunicativos contra-hegemônicos (FERNANDES; SILVA; BARBOSA, 2018). A potência é percebida na produção artística singular, na atuação político-social de lideranças e grupos comunitários, nas conquistas resultantes de lutas sociais, na capacidade de enfrentamento às duras condições de vida, na economia local que gira em torno de pequenos e médios comércios, nas formas de sociabilidade e solidariedade.

Nesse contexto, o próprio termo periferia ganha outras conotações para além do referencial geográfico. Passa a evocar pertencimento, afetividade, vínculos positivos com o território, para além das estigmatizações em torno de sua pobreza, carência e violência. Associar-se ao território e apresentar-se como um morador, um artista, intelectual ou ativista periférico ajuda a marcar, então, o lugar desses sujeitos no mundo, a partir de suas subjetividades, identidades e formas de ser e estar na cena pública. Do mesmo modo, a visibilidade de uma produção cultural associada à periferia revela não apenas especificidades com relação à linguagem, referências e conteúdos estéticos, mas também a um conjunto de obras e trajetórias artísticas ligadas às condições materiais, simbólicas e políticas que conformam os territórios periféricos.

Apoiada por esta dimensão histórica, pela necessidade de quebra de hierarquias e adaptação ao formato remoto em virtude da pandemia, a formação continuada do projeto PALCO foi repensada a partir dos sujeitos participantes de processos de ensino e aprendizagem de arte em periferias e da linguagem como uma questão de classe.

Não é possível entender-me apenas como classe, ou como raça ou como sexo, mas, por outro lado, minha posição de classe, a cor de minha pele e o sexo com que cheguei ao mundo não podem ser esquecidos na análise do que faço, do que penso, do que digo. Como não pode ser esquecida a experiência social de que participo, minha formação, minhas crenças, minha cultura, minha ação política, minha esperança. (FREIRE, 2015 [1993], p.19).

Diante disso, ao nos debruçarmos criticamente sobre as características das formações, notamos que entre 2014 e 2019 os encontros eram realizados pelos integrantes da coordenação e por professoras e professores universitários convidados, todos brancos, de classe média e não residentes em bairros periféricos. Notou-se, ainda, que as formações aconteciam em momentos específicos do ano, geralmente, janeiro, fevereiro e julho, meses em que educandos não tinham aulas do projeto, o que gerava um descompasso entre a formação recebida e a prática dos educadores. Em termos de conteúdo, as referências teóricas e práticas concentravam-se em um repertório acadêmico, estabelecendo uma hierarquia entre conhecimentos e saberes. Para Paulo Freire (2000, p.127):

É impossível democratizar a nossa escola sem superar os preconceitos contra as classes populares, contra as crianças chamadas pobres, sem superar os preconceitos contra sua linguagem, sua cultura, os preconceitos contra o saber com que as crianças chegam à escola. Sem abrir a escola à presença realmente participante dos pais e da sua própria vizinhança nos destinos dela.

Mas, para a equipe gestora do projeto, não interessava dar continuidade a um processo formativo que reforçava princípios coloniais. Deste modo, foram implementadas mudanças. Primeiramente, uma curadora de conteúdo foi convidada para planejar os encontros com a coordenação. Interessava ao projeto que tal profissional tivesse um perfil social ligado à temática escolhida, assim como os formadores que seriam convidados para essa edição: negros, originários das camadas populares e moradores das periferias. Além disso, estabeleceu-se como objetivos dessa formação: discussões conceituais em torno das periferias e suas produções culturais; a apresentação de trajetórias artísticas periféricas; a valorização de tradições e referências estéticas contra-hegemônicas; e o estímulo a processos artísticos e pedagógicos de educadores e coordenadores com base no referencial popular-periférico.

Os encontros formativos aconteceram uma vez por mês e contaram com a participação de toda a equipe gestora e educadora. Nesses encontros, cada formador e formadora concentrou-se em apresentar suas trajetórias de vida, produções artísticas, tradições estéticas, saberes e métodos que orientam suas atuações, tendo o diálogo como meio de construção de conhecimento, além da história de vida e a oralidade como pilares metodológicos. Segundo Josso (2002, p.29):

Falar de recordações-referências é dizer, de imediato, que elas são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos ou valores. A recordação-referência pode ser qualificada de experiência formadora, porque o que foi aprendido (saber-fazer e conhecimentos) serve, daí para a frente, quer de referência a numerosíssimas situações do gênero, quer de acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida. São as experiências que posso utilizar como ilustrações para descrever uma transformação, um estado das coisas, um complexo afetivo, uma ideia, mas também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro, que são contadas numa história, uma história que me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade. Assim, a construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma reflexão antropológica, ontológica e axiológica.

Sendo assim, levou-se em consideração que as histórias de vida, quando narradas, alargam a experiência formativa por não se restringirem às questões técnicas e apresentarem dimensões múltiplas relacionadas à complexidade que caracteriza o processo formativo de cada pessoa com suas experiências, suas visões de mundo, seus repertórios, suas marcas sociais, suas lutas, seus saberes e fazeres vinculados à uma realidade e não à uma abstração conceitual que não estabelece diálogo com o território onde a ação educativa ocorre. Durante os relatos escritos ou orais, dentro ou fora dos contextos de aprendizagem, as pessoas que narram suas trajetórias estabelecem um diálogo entre o passado e o presente, percebem que houve mudança ao longo do tempo. "Ouvindo depoimentos orais constatamos que o sujeito mnêmico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência" (BOSI, 2003, p.44).

Ao longo do ano de 2021, foram realizados seis encontros formativos, em formato remoto, dos quais participaram os seguintes formadores:

Nas discussões sobre periferia e produção cultural periférica: Érica Peçanha, doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Autora do livro "Vozes marginais na literatura", sobre a projeção de escritores da periferia no cenário contemporâneo; e coautora de "Polifonias marginais", que apresenta entrevistas com produtores literários negros e periféricos. Pesquisadora do nPeriferias (Grupo de Pesquisa das Periferias do Instituto de Estudos Avançados da USP). Érica realizou a mediação de dois encontros.

- Na temática do teatro: Jé Oliveira, ator, diretor, dramaturgo, compositor e escritor. Formado pela Escola Livre de Teatro de Santo André, atualmente cursa Ciências Sociais na USP. É também membro fundador do Coletivo Negro, grupo de pesquisa cênico-poético-racial. Entre as peças recentes que dirigiu, estão as premiadas: "Farinha com Açúcar ou Sobre Sustança de Meninos Homens", que propõe uma discussão sobre masculinidade dos sujeitos periféricos tendo como referência a obra dos Racionais MC's; e "Gota D'Água Preta", uma adaptação do musical Gota D'Água Chico Buarque e Paulo Pontes numa perspectiva cultural negra.
- No tema das artes visuais: NeneSurreal, mulher negra, periférica, mãe, avó, artesã e educadora social. Artista multidisciplinar, é também escultora, pintora e grafiteira, além de criadora da grife NeneSurreal, com roupas pintadas na técnica do grafite para todas as mulheres, especialmente para as plus size. Atua desde 1996 e tem diversas parcerias e participações em exposições dentro e fora do Brasil. Na intenção de refinar técnicas e estilo próprio, buscou na vida acadêmica respostas para algumas de suas questões relacionadas à criação artística.
- Sobre literatura: Rodrigo Ciríaco, educador e escritor, autor dos livros "Te Pego Lá Fora", "100 Mágoas" e "Vendo Pó...esia". Participa há mais de 10 anos do movimento de saraus da periferia. É idealizador do projeto "Literatura (é) Possível", que desde 2006 desenvolve ações de incentivo à leitura, produção escrita e difusão literária em escolas públicas estaduais e municipais, com o "Sarauzim – Sarau dos Mesquiteiros". Idealizador também dos projetos Pedagogia dos Saraus, Slam Rachão Poético, Biqueira Literária e do espaço cultural Casa Poética/ Agência Casa Poética. Foi integrante do conselho-executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura entre 2014 e 2016. É graduado em História pela USP.
- Na temática da música: Salloma Salomão Jovino da Silva, educador e intelectual público. Doutor em História pela PUC-SP, pesquisador de Culturas Afrobrasileiras, especialista em formação continuada de educadores/as. Multiartista inserido na cena afrobrasileira contemporânea como músico, performer, ator e dramaturgo. Pesquisador visitante no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Consideramos que todos os encontros formativos possibilitaram o alargamento de referências teóricas, metodológicas e biográficas não apenas na temática da periferia, mas também com relação ao processo de ensino e aprendizagem em contextos periféricos. Todos os artistas convidados são também pesquisadores que transitam entre o repertório acadêmico contra-hegemônico (não eurocêntrico, popular e interessado em transformações sociais) e os saberes adquiridos nos territórios das favelas e periferias e nos movimentos sociais.

Destacamos aqui algumas das falas apresentadas pelos formadores nesses momentos:

"Somos educados com a ideia de que São Paulo é aberta a todos. Mas isso cria uma tela que nos impede de ver a violência simbólica e real e sem ver eu não posso expressar empatia ou solidariedade. São Paulo é uma cidade murada, são muros reais que separam bairros pobres e ricos e revela uma cidade cindida. (...) Que cidade te habita? Não que lugar da cidade eu habito, mas que cidade me habita e que cidade te habita. Que sonho de cidade você tem?"

(Salloma Salomão, formador de música, em encontro realizado em março de 2021).

"Para os estudiosos, a produção cultural da periferia cria possibilidades de se pensar parâmetros críticos e estéticos, para além dos que são ditados pela academia. E para os consumidores, cria-se as possibilidades de acessar outros modos de sentir, vivenciar e representar o mundo, a partir das periferias, em nome das periferias, para as periferias e interessados em se aproximar desses territórios". (Érica Peçanha, formadora do tema periferia e produção cultural periférica, em encontro realizado em abril de 2021).

"As pessoas que têm um mínimo de sensibilidade com o país e de se deslocar de si mesmo, conseguem ter uma ideia do que é ser invisível. Como seria ser governado por um presidente ou presidenta preta do candomblé? Às vezes é necessário ter um escurecimento da tela, pois os ambientes chegam a ser assépticos, de tão brancos". (Jé Oliveira, formador de teatro, em encontro realizado em maio de 2021).

"Periferia não é geografia, é sentimento. Existem muitas questões para se tratar a periferia: geográfica, cultural, sentimental. Os saraus nas escolas públicas, em bibliotecas, em centros culturais, em espaços que vão sendo ocupados, trazem a oportunidade de protagonismo para as periferias". (Rodrigo Ciríaco, formador de literatura, em encontro realizado em junho de 2021).

"A gente não caminha se não escutar. Até pra não concordar, porque não é sobre concordar. É sobre visão de mundo. Acredito que todos que estão aqui não querem ver isso mais, não é bom pra população preta, indígena, pra ninguém. Precisamos entender que isso é cura, a gente precisa falar e as pessoas precisam estar com a disposição de ouvir. São muitas dores, que alguns não sentem, mas uma preta sente, outro preto sente. Precisamos pensar nos que tem as dores. Eu estou na obrigação de deixar este rolê escurecido pra essa molecada que vem vindo aí! É escurecido mesmo, até pra quem é branco, porque o rolê branco só ferrou com a gente, só acabou com nós, roubou a nossa história. Agora a gente está nesse resgate. Mas é sempre com amor, não é sobre arrancar pescoço, não é isso. A gente quer mostrar como faz e chamar todo mundo também. Porque a gente quer todo mundo na festa". (Nenesurreal, formadora de artes visuais, em encontro realizado em julho de 2021).

Compreendemos que, da parte dos educadores e dos gestores do projeto, sempre houve interesse em formular questões aos formadores que aprofundavam nas suas vivências e processos criativos. Isso se refletiu tanto nas obras de referência, materiais e temas utilizados nas diferentes aulas do projeto, como também na mostra artística final, em que foi observado um processo bastante autoral e centrado nas histórias de diferentes periferias do país e nas biografias e repertórios dos educandos (a maior parte deles com perfil similar aos dos formadores).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a escolha do tema periferia e o modo como os encontros formativos foram pensados e concretizados contribuíram para a reestruturação da formação do projeto numa perspectiva decolonial. Embora seja preciso considerar que sob o guarda-chuva do termo estudos decoloniais abranja um conjunto heterogêneo de problematizações sobre a colonialidade e as relações de poder, inclusive na produção de conhecimento, entende-se que, no contexto da formação aqui apresentada, tal perspectiva se materializou na valorização de trajetórias e tradições não eurocêntricas, com a ênfase em trajetórias artísticas de artistas-pesquisadores negros e periféricos (não hegemônicas na cultura brasileira); e nas produções culturais de periferia (interseccionadas com as dimensões de classe – popular – e raça – negra – também).

Além disso, tal perspectiva contribuiu para o aperfeiçoamento dos planos pedagógicos dos educadores, a partir do diálogo com os territórios em que o projeto está inserido e com as marcas sociais dos próprios educandos.

REFERÊNCIAS

- Bosi, E. (2003). O tempo vivo da memória – ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Fernandes, F.; Silva, J. S.; Barbosa, J. (2018). O paradigma da potência e a pedagogia da convivência. Revista Periferias (Rio de Janeiro), 1 (1), p. 1-14.
- Freire, P. (2019). Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2015). Política e educação. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). A educação na cidade. São Paulo: Cortez.
- Josso, M. C. (2002). Experiências de vida e formação. Lisboa: EDUCA.
- Mignolo, W. (2017). Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais (São Paulo), 32 (94), 2-18.
- Nascimento, E. P. (2010). A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. RUA – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos da Unicamp (São Paulo), 16 (2), 111-127.
- Nóvoa, António. (Org.) (2013). Vidas de professores. Porto: Porto Editora.